



**Cuiabá-MT, 09 de maio de 2014**

**Fonte:** [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:15 | Atualizado: 0min atrás

## **Demanda é infinita, mas recursos são finitos, desabafa secretário de Saúde**

Marcela Machado  
Reportagem Especial

Chico Valdiner



**Secretário Jorge Lafeté garante que MT busca amenizar caos na Saúde**

Há 7 meses à frente da secretaria estadual de Saúde, Jorge Lafeté garante que está trabalhando muito para reduzir o caos no setor, mas argumenta que é impossível atender as necessidades de todas as pessoas e de todos os municípios. “Saúde é um setor complicado e enorme. A demanda é infinita, mas os recursos são finitos. O que eu faço é tentar otimizar os serviços com o que tenho à minha disposição, algo longe de ser fácil”, pontua.



De acordo com o secretário, não há "pernas para atender tudo". Ele diz ser preciso trabalhar a saúde pública de forma globalizada e descentralizada, apoiando pólos no interior, planejando a logística regional e retirando os casos de baixa complexidade da Capital, para que ela só fique com as situações mais graves e que precisam de uma estrutura mais elaborada.

Com esse objetivo, Lafetá conta que muitos hospitais de municípios como Sinop, Lucas do Rio Verde, Primavera do Leste e outros de médio porte estão passando por intervenções, sendo que vários deles há construção de leitos de UTIs, uma das maiores deficiências do Estado. O secretário acredita que independente do governo que passou, a saúde sempre foi um setor que esteve na "ponta", sem muita importância, e que já ficou nessa situação por muito tempo. "Por isso uma proposta de saúde pública é tão importante e necessário nesse momento", salienta.

Algo que, segundo ele, o Estado precisava muito e que está em andamento é a viabilização de um plano de emergência, para atender a região em caso de catástrofes naturais, epidemias e outros desastres. "Há 10 anos estamos tentando fazer isso e, agora, já está pronto e montado. Vamos apresentar a proposta nos próximos dias", conta.

Uma das preocupações é o atendimento emergencial. Neste sentido, a secretaria solicitou ao Ministério da Saúde ambulâncias para o Samu e conseguiu mais nove veículos para atender a baixada cuiabana. "Também vamos inaugurar a Base do Samu no antigo hospital Modelo na semana que vem", afirma Lafetá. O setor é alvo de muitas críticas, especialmente por causa do registro de atraso de repasses estaduais, que Lafetá vem buscando regularizar.

Algo diferenciado, segundo ele, é a construção de um ginásio específico para o tratamento de autistas no hospital Aduino Botelho, um centro integrado de assistência psicossocial. Segundo o secretário, esse é um projeto inédito no Brasil e já está em fase de aprovação da obra. "Queremos virar referência e já tem várias pessoas de outros Estados nos procurando para conhecer o projeto", diz. Lafetá pontua ainda que, por mais que seja um setor complicado, está tentando deixar a sua contribuição para que o próximo secretário possa dar continuidade ao trabalho que começou.



CONSELHO ESTADUAL DE SAÚDE-MT  
Participação e Controle Social

# Clipping Saúde em Foco



CONSELHO ESTADUAL DE SAÚDE-MT  
Participação e Controle Social

Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:15 | Atualizado: 35min atrás

## 1,2 mil estão na fila de transplantes

Marcela Machado

Reportagem Especial



Em MT, pacientes que precisam de órgãos não têm acesso a cirurgias

Muito se falou sobre transplante de órgãos em Cuiabá nos últimos meses devido os problemas de saúde da primeira-dama da Capital Virgínia Mendes, que precisou de um transplante de rim, cujo doador foi o prefeito Mauro Mendes (PSB). O casal teve que se deslocar para São Paulo para que o procedimento fosse realizado, já que em Mato Grosso o único tipo de transplante que acontece nos últimos anos é o de córnea.

Dados do Ministério da Saúde mostram que o número nacional de pacientes a espera de um transplante de órgãos e tecidos caiu 40% em cinco anos. Em 2008, 64.774 pessoas estavam na fila, em 2013 foram 38.759. O transplante de córnea responde a quase 60% do total de transplantes no sistema público, pois é o mais simples, rápido e menos oneroso.

Segundo o secretário estadual de Saúde Jorge Lafetá, os transplantes de órgãos em Mato Grosso estão paralisados desde 2005. No ano passado 248 pessoas que precisavam de algum órgão foram encaminhadas para outros Estados porque a verba que Sistema Único de Saúde



(SUS) tinha era insuficiente para os procedimentos. Mas essa realidade está prestes a mudar, ao menos, amenizando o problema.

Arquivo pessoal



Primeira-dama Vírginia Mendes recebeu um rim do marido Mauro e fomentou debate em torno da doaço de órgãos no Estado. Cirurgia foi realizada em SP

Lafetá afirma que transplantes voltarão a ser feitos a partir desse mês. De acordo com ele, os procedimentos serão os de rins, medula óssea e retina. “E a expectativa é que em pouco tempo também possamos realizar os de fígado e cardíacos”. O hospital Santa Rosa será o responsável pelos procedimentos no Estado. A instituiço já tem experiência no assunto, pois até 2005 era quem realizava os transplantes. O secretário de Saúde conta que os profissionais já foram capacitados, tanto o do hospital que recebe os órgãos quanto os dos que fornecerão.

De acordo com o secretário, foi feita uma parceria com o Hospital Albert Einstein, um dos maiores do país. A instituiço foi quem treinou os médicos e os enfermeiros do Estado. Além disso, fará consultoria para Mato Grosso a partir do momento que os procedimentos começarem a ser realizados. “Essa é uma forma de manter tudo com qualidade e dentro dos padrões exigidos”, salienta.

Mário Okamura



## Transplantes em MT

**Desde 2005:** Apenas córnea

**A partir de maio:** Rins, retina e medula óssea

**Em breve:** fígado e coração

**Fila\*:** 1,2 mil pessoas

\*Número varia de acordo com cirurgias



MT se prepara para retomar cirurgias de transplantes de órgãos. Hoje apenas de córneas são feitas

A fila de transplantes em Mato Grosso é relativamente grande. Lafetá diz que no último levantamento feito pela secretaria havia 1.200 propostas de transplantes, podendo variar para menos ou mais. “O problema é que é difícil falar de andamento da fila e zerar a espera porque nesse caso não dependemos só de uma equipe capacitada ou de um hospital com estrutura e sim de órgãos doados, algo sobre o qual não temos o controle”, explica.

Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:15 | Atualizado: 32min atrás

## Pacientes do SUS migram para rede privada, que estrangula; gargalo é PA

Marcela Machado e Patrícia Sanches  
Reportagem Especial



Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde, José Ricardo de Mello

O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Mato Grosso, José Ricardo de Mello, reconheceu a existência de um “estrangulamento” da rede privada, especialmente nos pronto-atendimentos, diante da crescente demanda nas unidades particulares do Estado. Hoje existem cerca de 80 hospitais particulares em Mato Grosso, com aproximadamente 4 mil leitos. Além deles, há centenas de clínicas e laboratórios.

Para José Ricardo, nos últimos anos, houve uma transferência dos pacientes do SUS para a rede privada, especialmente por meio dos planos de saúde que, muitas vezes, são oferecidos por empresas aos funcionários com descontos maiores por serem da categoria empresarial.

Outro problema, segundo ele, é o fato das clínicas não conseguirem absorver toda a demanda. Como, muitas vezes, uma consulta demora pelo menos 15 dias, às vezes 30 dias ou mais, a população acaba indo para os pronto-atendimentos, causando longas filas. “Lá conseguem, por exemplo, num prazo rápido, fazer e saber o resultado de exames”, pontua José Ricardo.

Em meio a este processo de intensa migração, José Ricardo reconhece que não houve, na mesma proporção, a construção de novos leitos e UTIs. “Há uma dificuldade porque não temos remuneração adequada”, pondera o presidente do sindicato.

A opinião dele é similar à do presidente do Conselho Regional de Medicina de Mato Grosso, Gabriel Felsky dos Anjos. Ele avalia que em qualquer pronto-atendimento particular que você entrar, vai perceber que está caótico e com filas de muitas horas, como nos hospitais públicos. Assim como José Ricardo, Gabriel entende que a remuneração poderia ser melhor.



Presidente do CRM, Gabriel Felsky

Segundo o presidente do CRM, os planos de saúde atualmente visam somente o lucro e o médico é mal tratado por eles. “Nos repassam pouco pelos procedimentos e pelas consultas. Por uma cesariana, por exemplo, recebemos apenas R\$ 350. Isso sem falar em outras cirurgias de baixa complexidade, pelas quais ganhamos menos ainda”, reclama. Hoje cerca de 30 planos atuam no Estado.

Em relação à Tabela SUS, tendo em vista que alguns hospitais mantêm convênios com a rede pública, Gabriel Felsky dos Anjos também reclama que os valores repassados não são adequados. De acordo com ele, por uma consulta, o governo repassa apenas R\$ 2,50. “Por isso que o setor está um caos no país”, assevera. Diante da situação, segundo ele, muitos médicos têm optado por só atender na rede particular, não presantdo serviços ao SUS, nem para os planos de saúde.

## **Solução**

Diante da situação, cada vez mais complicada, especialmente no pronto-atendimento, José Ricardo defende uma mudança nos métodos dos PAs por meio da viabilização do ambulatório de suporte para as urgências, que são importantes, mas não são emergências. Assim, seria necessária a realização de uma triagem sistemática, com modelo operacional parecido com o do SUS, para classificar os pacientes e poder atender todos a contento



Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:16 | Atualizado: 01h atrás

## Todas as regiões sofrem com falta de leitos e UTIs, mas no Nortão é caótica

Marcela Machado  
Reportagem Especial



Acima, saiba qual é o cenário da Saúde em MT; conforme levantamento, a situação é pior no Norte

De Norte a Sul, Leste a Oeste, os brasileiros reclamam do sistema público de saúde. A insatisfação é geral. Em Mato Grosso não é diferente. Todas as regiões estão sofrendo com serviços insatisfatórios, falta de estrutura e carência de médicos. Dados do Ministério da Saúde afirmam que o Estado conta hoje com 5.379 leitos. O ideal, conforme cálculo estipulado para a população mato-grossense, deveria ser de pelo menos 9.547. A estimativa para os dias atuais é de três leitos para cada grupo de mil habitantes. O fato é que além da deficiência no número de vagas, a quantidade de leitos também reduziu em 219 unidades desde 2005. Durante o mesmo período, a população aumentou em 379 mil habitantes, passando de 2,8 milhões de pessoas para 3,1 milhões de mato-grossenses.

De acordo com a presidente do Conselho das Secretarias Municipais de Saúde de MT, Silvia Sirena, há tanto falta de leitos regulares quanto de UTIs e que toda estrutura para alta



complexidade está apenas em Cuiabá, o que é péssimo para um Estado com essas dimensões. A secretaria estadual de Saúde afirma que em 2014 irá acrescentar 126 leitos de UTIs em Mato Grosso, sendo 10 deles em Primavera do Leste e o mesmo número em Juara, Alta Floresta e Barra do Garças, 30 em Rondonópolis e 12 em Alta Floresta. Além destes, em Cuiabá terá mais 10 UTIs pediátricas no Hospital do Câncer, 10 pediátricas e oito adultas no Hospital Geral Universitário e 26 no Hospital das Clínicas.



Presidente do Conselho das Secretarias de Saúde, Silvia

No Norte, a melhor palavra para descrever o setor é caos. Há quem diga que a saúde está na UTI. Todos os municípios da região estão precisando de investimento. Falta a vinda de recursos federais e estaduais, porque as prefeituras não conseguem sozinhas cuidar da saúde. O que Mato Grosso mais precisa é de gestão pública com responsabilidade.

Silvia acredita que Norte e Araguaia são os pontos mais problemáticos porque não tem ponto de apoio próximo para média e nem alta complexidade. Porto Alegre do Norte, Vale do Arinos, Peixoto de Azevedo e São Félix do Araguaia, principalmente, sofrem com isso. Muitos pacientes, para serem tratados, precisam ser transferidos para Cuiabá e Várzea Grande e, depois, ingressam na Justiça para poderem entrar na fila de cirurgias. “Isso incha o setor da Capital e ninguém consegue ser atendido com qualidade”, explica a presidente do conselho.

No Sul, a situação é um pouco melhor. O Hospital Regional de Rondonópolis é quem está “salvando” a região. A instituição é uma das melhores do Estado e uma das poucas que está indo relativamente bem. Mesmo assim, os deputados locais têm cobrado muito o governo para aumentar o investimento. “No sul e no Teles Pires tem algum tipo de serviço instalado, mas não dá conta da região e nem de se manter sozinhos”, explica Silvia.



Falta de UTIs e leitos para atender a população são principais problemas em MT

Na região Oeste de Mato Grosso, depois que o secretário Jorge Lafetá assumiu a pasta da saúde, melhorou bastante, principalmente a parte administrativa. Mas a ponta, no serviço de atendimento ao cidadão, ainda deixa muito a desejar. No Hospital Regional de Cáceres e nas outras instituições públicas locais há muita fila e a maior dificuldade é conseguir vaga em UTIs e cirurgias de alta complexidade. Os pacientes entram com uma liminar para poderem ser tratados. Quando conseguem, a liminar permite que entrem na fila para terem uma vaga. É um longo caminho.

O Hospital de Cáceres resolve relativamente bem o problema do Oeste, mas se os hospital de Mirassol d'Oeste e de São José do Quatro Marcos recebessem investimentos, os pacientes de baixa complexidade ficariam por lá, o que desafogaria o regional de Cáceres.

Na região do Araguaia, a expectativa de melhoria na saúde é boa devido a vários projetos que estão em andamento ou que vão começar, mas o cenário atual é muito ruim. A população espera um repasse melhor e feito com gestão, o programa de ambulâncias, mais hospitais estadualizados e a construção de outras instituições, além do Hospital Regional de Sinop, que tem previsão para reabrir ainda nesse primeiro semestre. Hoje o maior problema do Araguaia é a falta de estrutura. Há UTI apenas em Barra do Garças e que ela possui seis leitos para atender um universo com 400 mil pessoas.



Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:15 | Atualizado: 01h atrás

## País é 108º em satisfação com saúde; MT tem problemas em hospitais

Marcela Machado  
Reportagem Especial

Mário Okamura

Hospitais regionais	Gestores
Água Boa	Consórcio com várias prefeituras da região
Alta Floresta	OSS Instituto Pernambucano de Assistência Social
Cáceres	OSS Associação Congregação de Santa Catarina
Colíder	OSS Instituto Pernambucano de Assistência Social
Diamantino	Consórcio em parceria com o Estado
Rondonópolis	OSS Sociedade Beneficente São Camilo
Sinop	OSS Fundação Santo Antônio
Sorriso	OSS Instituto Nacional de Desenvolvimento Social e
Várzea Grande	OSS Instituto Pernambucano de Assistência Social

\*Desde início de abril, a OSS rescindiu contrato com o Estado. O governo durante o período não fez a gestão. Depois do prazo, será decidido qual modelo de administração será adotado.

Mato Grosso tem 9 hospitais regionais que são administrados por OSS e por consórcios formados por prefeituras; estrutura não atende a demanda existente

Salas de espera lotadas, pessoas sentadas no chão, falta de médicos e remédios. Estas são cenas comuns nos hospitais públicos brasileiros. O índice de insatisfação com a qualidade e o



atendimento à saúde é maior no Brasil do que na média da América Latina, aponta um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU). Enquanto o índice no país foi de 44%, 57% da população da América Latina aprovam o serviço.

O Brasil ficou na 108ª posição em satisfação, em comparação com 126 países de todo o mundo, analisados pelo Relatório de Desenvolvimento Humano 2013. O índice de aprovação brasileiro também é menor do que a média mundial, de 61%. Em Mato Grosso o volume de pessoas que estão satisfeitas com o Sistema Único de Saúde é ainda menor. De acordo com pesquisa realizada no ano passado pela Vetor Pesquisas, apenas 34,5% dos mato-grossenses sentem-se satisfeitos com a saúde pública estadual, perdendo apenas para o segmento de “trânsito”.

Conforme a legislação, o governo estadual é obrigado a investir anualmente 12% do orçamento no setor. Nos últimos cinco anos, entretanto, por duas vezes não se chegou a esta porcentagem. De acordo com dados do Tribunal de Contas, em 2008 no governo Blairo Maggi (PR) foram apenas 10,4%, equivalentes a R\$ 755,2 milhões. Em 2011, na gestão Silval Barbosa (PMDB), o investimento foi de 11,59%, proporcional a R\$ 627,6 milhões. Em 2010, o repasse foi o mais alto em porcentagem, 13%, mas não em quantia, R\$ 625,5 milhões.



Filas são rotina na vida da população que depende do serviço público em MT

Já em 2009 e 2012 foram aplicados 12,27% e 12,28%, respectivamente, mas a diferença de recursos passou de R\$ 200 milhões, sendo R\$ 540,4 milhões em 2009, e R\$ 773,9 milhões em 2012. Deste valor anual, o governo estadual é obrigado a repassar para os municípios 10%

para auxiliar na manutenção dos serviços prestados nas unidades de saúde, mantidas pelos gestores.

A presidente do Conselho das Secretarias Municipais de Saúde de Mato Grosso, Silvia Sirena, avalia, no entanto, que a maior deficiência do Estado, hoje, é o financiamento. “Saúde custa muito caro e gera custos enormes, o que as prefeituras não conseguem arcar sozinhas, mas muitas vezes são obrigadas a fazer”. Segundo ela, este é o grande gargalo que gera todos os outros problemas e demandas.

Algo que as prefeituras reclamam muito, como diz a presidente, é o fato de que o Governo muitas vezes atrasa repasses para os municípios. Conta que 2013 foi um ano crítico em relação a isso. Explica que aconteceram acertos no ano passado, mas ainda há quatro meses em aberto: novembro e dezembro de 2013 e março e abril de 2014, o que acumula mais de R\$ 50 milhões.

Silvia ressalta que o Executivo estadual pediu, até a próxima terça (13), para dar um parecer em relação a isso. Os atrasos têm gerado prejuízos à população que precisa de atendimento público e aos municípios que precisam arcar com os gastos usando recursos de outros setores. Dos 141 municípios mato-grossenses, apenas Cuiabá e Várzea Grande, na região metropolitana da Capital, receberam o repasse em dia.

## Estrutura



Hospital de Alta Floresta é uma das unidades de MT que estão sob intervenção



De acordo com a secretaria estadual de Saúde, Mato Grosso possui nove hospitais regionais, sendo em Cáceres, Sorriso, Colíder, Alta Floresta, Sinop, que ainda não está funcionando completamente, Rondonópolis, Diamantino, Várzea Grande e Água Boa. Tirando as instituições de Água Boa e Diamantino, que são administradas por Consórcios com cooperação do Estado, todas as outras estão sob gestão de Organizações Sociais de Saúde (OSS).

Três dos hospitais: Colíder, Alta Floresta e Várzea Grande, eram administrados pela OSS Instituto Pernambucano de Assistência Social (Ipas), mas desde o início de abril ela não responde mais pela gestão. A OSS pediu ao Governo a rescisão dos contratos. A partir de então, por um prazo de 120 dias, as três unidades serão administradas pelo Estado, honrando os compromissos com os usuários, os profissionais e os fornecedores, assim como o fornecimento de medicamentos. Após os quatro meses, um novo modelo de gestão será decidido.

Na terça (6), o governador Silval Barbosa (PMDB) determinou intervenção de regularização por 180 dias nos Hospitais Regionais de Colíder e Alta Floresta, antes sob administração do Ipas. Além de constatado desvio de finalidade de recursos destinados pela secretaria de Saúde, foi identificada inadimplência por mais de 120 dias do IPAS com fornecedores e prestadores de serviços, dentre eles água, luz, materiais hospitalares e corpo clínico.

Encontrou-se ainda descumprimentos de compromissos fiscais com as prefeituras e previdenciários. Este último referente ao ano inteiro de 2013. Observou-se também elevado risco de paralisação e precarização do atendimento, bem como notificações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária por falta de licenças e alvarás essenciais para o funcionamento do hospital.

Além das unidades regionais, de instituições públicas de saúde, há hospitais municipais, de competência das prefeituras. Mas alguns deles recebem auxílio do Estado, como o de Cáceres, o de Poconé, o de Sinop e o de Pontes e Lacerda. A SES ainda afirma que há outras instituições de saúde sob seus cuidados, como o SAMU, o Centro de Reabilitação Dom Aquino Corrêa, o Centro Integrado de Assistência Psicossocial Aduino Botelho, o Centro Estadual de Odontologia para Pacientes Especiais, o laboratório do Hemocentro e o Centro Estadual de Referência de Média e Alta Complexidade, onde os pacientes se consultam com especialistas.

Apesar dos grandes investimentos que o Governo é obrigado a investir no setor, a situação não está boa, como pode ser visto pelos níveis de insatisfação da população. O deputado



Dilmar Dal' Bosco (DEM), por exemplo, afirma que “a saúde está na UTI”. Segundo ele, isso está acontecendo em todo lugar e é resultado da falta de gestão pública com responsabilidade, tanto do governo federal quanto do estadual. As prefeituras, de acordo com ele, até tentam, mas seus recursos são escassos e insuficientes para manter as instituições e atender a todos os pacientes, fora a estrutura sucateada. “Posso descrever a saúde como caótica”, destaca.

Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:14 | Atualizado: Omin atrás

## Hospitais "abandonados" proliferam doenças; governo retomará obras

Marcela Machado  
Reportagem Especial

Davi Valle



São Thomé, que poderia ajudar a reduzir caos na saúde segue abandonado. Há uma piscina que serve de "abrigo" para o mosquito da dengue



O hospital São Thomé, em Cuiabá, está abandonado há alguns anos. Em visita ao local, a cena é triste. Salas vazias ou com poucos equipamentos deixados para trás, água parada, roupas no chão, paredes e pisos com manchas e infiltrações. O imóvel virou uma espécie de hotel/motel no período da noite, fato comprovado pela presença de sutiãs e outras peças íntimas encontradas aqui e ali.

É até irônico que em um dos cômodos esteja um livro de medicina aberto na primeira página que fala sobre parasitas e doenças, algo que se pode facilmente contrair na área, principalmente na piscina com água verde.

Apesar da situação caótica, o secretário estadual de Saúde Jorge Lafeté garante que, em breve, a unidade será reformada. A obra foi adiada, de acordo com Lafeté, porque o projeto estava pronto para ser iniciado em fevereiro, mas que, por não atender a quesitos de acessibilidade, teve que ser refeito. “Tivemos que começar todo o processo outra vez e isso atrasou o cronograma”.

O secretário afirma que, no momento, a reforma se encontra na fase de reserva orçamentária e de licitação. “A obra será feita em partes. Depois de 30 a 60 dias que a intervenção começar, abriremos o ambulatório médico e o pronto atendimento, enquanto a reforma interna continua”, explica. A previsão é que em seis meses o São Thomé esteja 100% concluído.

Outra obra, cuja conclusão tem sido polêmica, é a do Hospital Regional de Sinop, que devia ter começado a funcionar com toda a capacidade há meses. Segundo a população da região, no final do ano ele abriu só o pronto atendimento para que as pessoas parassem de reclamar. O secretário de Saúde rebate dizendo que a seção está funcionando e bate todas as metas de atendimento aos pacientes.

Lafeté pontua que todos os recursos para o hospital já foram enviados, que geradores de energia foram adquiridos e que os equipamentos, principalmente do centro cirúrgico, estão entregues. Assim, falta apenas estruturar a UTI. Nos próximos dias o secretário pontua que irá acontecer uma reunião com as lideranças regionais para avaliar a situação da instituição. A expectativa é que ele seja inaugurado até agosto desse ano.

Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:13 | Atualizado: 0min atrás

## Cuiabá atende pacientes de todo o Estado e estrutura não é suficiente

Marcela Machado  
Reportagem Especial

Mário Okamura



Capital atende pacientes de todo o Estado. Estrutura não comporta a demanda

Com 570 mil habitantes, segundo o IBGE, Cuiabá tem hoje 87 unidades básicas de saúde, entre Programa de Saúde da Família e Centros de Saúde. Se fizermos as contas, é uma unidade para cada 6.551 pessoas. Na atenção secundária são cinco policlínicas, Pedra 90, Pascoal Ramos, Coxipó, Verdão e Planalto e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) em funcionamento no bairro Morada do Ouro. Outra UPA, a de Pascoal Ramos, está em construção com aproximadamente 50% da obra concluída. A expectativa é de que a obra seja entregue até o fim deste ano. Outras duas UPAs, Leblon e Cidade Alta, devem começar a ser construídas ainda em 2014, devendo ser entregues até o fim de 2015.

A Saúde hoje tem em seus quadros cerca de 5,8 mil servidores, entre eles 290 dentistas. O orçamento estimado para 2014 é de aproximadamente R\$ 562 milhões. Esse valor corresponde a 29,5% do total de R\$ 1,9 bilhão do orçamento, quase o dobro do que os 15% obrigatórios por lei de repasse para a saúde. Em 2013, início da gestão Mauro Mendes (PSB), o repasse foi de R\$ 490 milhões, que equivale a 37% do total de R\$ 1,3 bilhão. No último ano



da gestão do ex-prefeito Chico Galindo (PTB), o valor e a porcentagens foram os mais baixos dos últimos três anos, R\$ 352,5 milhões, 22% de R\$ 1,6 bilhão.



Prefeito Mauro Mendes (PSB) garante que administração investe no setor

Apesar de o prefeito Mauro Mendes (PSB) dizer que está fazendo esforço para melhorar a situação, o cenário ainda é caótico. Relatório do TCE de 2013 sobre o sistema público de Saúde em Cuiabá e no Estado afirma que há filas excessivas para consultas e cirurgias, precariedade de estrutura física, ausência de plano de gerenciamento, ausência de medicamentos e muito desperdício, já que os que têm são jogados sem usar por prazo de validade vencido, cumprimento inadequado de horário dos médicos e morosidade dos processos internos.

O prefeito, por sua vez, avalia que a culpa do caos coletivo não é apenas do governo, mas também de parte da classe médica, que não tem cumprido os seus compromissos. “Além de faltarem profissionais, muitos deles faltam ao trabalho constantemente, principalmente os plantões. Alguns não cumprem os horários corretos e vão embora cedo ou chegam tarde”, explica.

O gestor conta que tem tomado medidas, como cobrar a classe médica para que compareça e repondo aqueles que não cumprem com o que foi acordado. “Acredito que a maioria deles está entendendo a situação e trabalhando para melhorar nesse aspecto”.

Outro problema enfrentado pela prefeitura, segundo Mauro, é a conclusão da reforma do Hospital São Benedito e sua abertura. Ele afirma que pretende colocar em funcionamento em



maio, mas não pode garantir porque o governo federal disse que irá repassar R\$ 10 milhões para a compra de equipamentos da instituição, mas o valor ainda não chegou.

A presidente do Conselho das Secretarias Municipais de Saúde de MT, Silvia Sirena, reconhece que, devido a estrutura precária do interior, Cuiabá vira um gargalo de pacientes vindos de todas as regiões de Mato Grosso. Segundo ela, basicamente toda parte de atendimento de alta complexidade se concentra na Capital. “E isso é oneroso tanto para Cuiabá, que recebe, quanto para os municípios, que precisam gastar com logística para o encaminhamento de pacientes”, afirma.

A cidade, de acordo com Mauro, é a única Capital sem hospital regional, e precisa arcar com quase todos os custos de saúde sozinha, mas é um valor muito alto e além das capacidades da prefeitura. “Precisamos de apoio do governo estadual e federal”, desabafa.

Fonte: [www.rdnews.com.br](http://www.rdnews.com.br)

Sexta-Feira, 09 de Maio de 2014, 08h:15 | Atualizado: 01h atrás

## O que é um hospital com Acreditação?



Rosemare de Moraes Maciel

Muitas vezes já escutamos que empresas de vários seguimentos têm selos de qualidade nos serviços ou certificados como a ISO. Ocorre que a ISO não nos dá selo de qualidade, mas, sim, certificação, assim fica mais claro. O que significa que a empresa tem rotinas que garantam um atendimento padronizado e de qualidade.



Isso também acontece com as unidades de saúde, só que a certificação chama-se Acreditação e é feita pela Organização Nacional de Acreditação (ONA). Um hospital Acreditado ou em processo de Acreditação segue protocolos adotados mundialmente por instituições de saúde para garantir a qualidade e a segurança da assistência por meio de padrões previamente definidos. Não é uma forma de fiscalização, mas um programa de educação continuada, ou seja, tudo é avaliado o tempo todo para garantir a melhoria na qualidade e segurança no atendimento.

São três níveis de Acreditação o Nível 1, que significa que aquele hospital atende ao princípio de “segurança do paciente”.

O Nível 2 é o Acreditado Pleno que significa que além de cumprir o Nível 1, tem gestão integrada, envolvendo o acompanhamento das barreiras de segurança definidas, dos principais processos desenhados e dos protocolos implantados.

E, por último, o Nível 3 que é o Acreditado com Excelência (Nível 3), ou seja atingiu a “excelência em gestão”, já que atende os requisitos dos outros 2 níveis. A excelência é dinâmica, é um acompanhamento e busca constante.

Tudo isso é bonito de falar, mas para que serve a Acreditação na prática? Hospitais acreditados por seguirem padrões e rotinas estabelecidos internacionalmente garantem a segurança do paciente, como um simples ato de lavar as mãos antes de atender o paciente, o que diminui o índice de infecção hospitalar e até mesmo o tempo de permanência na unidade de saúde, por exemplo. O que a população precisa entender é que a escolha da unidade de saúde deve se dar pela segurança que ela oferece, além da resolução do seu problema e não simplesmente por ele ser o mais próximo de sua casa, visto que um hospital acreditado oferece mais segurança para os pacientes e segue protocolos que podem evitar demoras, contaminação, ou procedimentos errôneos.

Uma instituição com selo de Acreditação significa um serviço diferenciado, com maior qualidade e segurança para seus usuários, e a redução de despesas decorrentes de práticas erradas. Ser acreditado é seguir uma padronização sempre se preocupando com a qualidade em tudo o que faz para evitar a ocorrência de danos à saúde.

***Rosemare de Moraes Maciel Freitas é Enfermeira e consultora de qualidade na empresa Mac In Health***



Fonte: [www.diariodecuiaba.com.br](http://www.diariodecuiaba.com.br)

Sexta feira, 09 de maio de 2014

Edição nº 13887 09/05/2014

**GRIPE**

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

## Campanha de Vacinação termina hoje

Da Redação Com assessoria

A Campanha Nacional de Vacinação contra Gripe será encerrada hoje e não há sinalização do Ministério da Saúde para que a vacinação seja prorrogada. Até a quarta-feira (07), 29.538 doses foram aplicadas. O número representa 27,62% da meta a ser cumprida, que é de 119.483 pessoas vacinadas.

A maior cobertura vacinal está no grupo das mulheres pós-parto (puérperas), com 413 doses aplicadas, o que representa 33,66% deste público. Em seguida estão os idosos, com 13.937 vacinações, 30,53% do total do grupo; as crianças menores de cinco anos, com 28,96% (11.318) do total; as gestantes com 24,74% (1.847) do total e os trabalhadores da saúde, 14,99% (2.023) de todo o grupo.

Em Cuiabá, a vacina contra a gripe está disponível desde o dia 23 de abril nos postos de vacinação, sendo que no dia 26 (sábado) foi realizado o Dia D da Campanha. Devem ser vacinadas crianças de seis meses e menores de cinco anos; pessoas com 60 anos ou mais; trabalhadores de saúde; povos indígenas; gestantes, puérperas (até 45 dias após o parto); população privada de liberdade; funcionários do sistema prisional e pessoas portadoras de doenças crônicas não transmissíveis ou com outras condições clínicas especiais.

O secretário de Saúde de Cuiabá, Werley Peres, alertou para a pouca procura da vacina e falou sobre a importância da proteção oferecida contra a gripe. “Apesar de estarmos acompanhando a média nacional, a cobertura está bem baixa porque estamos tendo pouca adesão das pessoas. Cuiabá tem hoje 87 postos de vacinação entre PSFs e Centros de Saúde, sendo cinco na zona rural e todos têm vacina para atender a população”, ressaltou.

**PREVENÇÃO** - A vacina está disponível em todo o país para 49,6 milhões de pessoas que fazem parte do grupo prioritário por ser vulnerável a desenvolver a forma mais grave da doença. Para a realização da campanha, o Ministério da Saúde distribuiu 53,5 milhões de doses, que protegem contra os três subtipos do vírus da gripe que mais circularam no inverno passado (A/H1N1; A/H3N2 e influenza B).



Fonte: [www.diariodecuiaba.com.br](http://www.diariodecuiaba.com.br)

Sexta feira, 09 de maio de 2014 Edição nº 13887 09/05/2014

**CENTRO DE REABILITAÇÃO**

**[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)**

## **Mutirão do Cridac entrega 1.520 aparelhos auditivos**

Da Redação Com assessoria

O Centro de Reabilitação Integral Dom Aquino Correia (Cridac) entregou 1.520 aparelhos auditivos e 504 aparatos ortopédicos durante a primeira fase do mutirão de atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), entre janeiro e abril de 2014.

Os mutirões foram realizados nos municípios de Cuiabá, Sinop e Rondonópolis e atenderam mais de 10 mil pacientes em ortopedia, neurologia adulto e infantil, cardiologia, urologia, otorrinolaringologia, clínica geral e pediatria, além de serviços de nutrição, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, serviço social, psicopedagogia e arte terapia.

Segundo a diretoria do Cridac, Lucia Provenzano, os mutirões aconteceram de acordo com as necessidades dos usuários que estavam nas filas do SUS. “No atendimento aos pacientes de deficiência auditiva, realizamos mais de cinco mil procedimentos entre exames, pré molde, testes, avaliação até chegar na concessão. Após receber o aparelho, o paciente fica credenciado no órgão para retornos necessários e ajustes”. O mutirão foi determinado pelo secretário de Saúde, Jorge Lafeté.

O Cridac garante atendimento das necessidades básicas e específicas de saúde da pessoa com deficiência, por meio da promoção, prevenção e reabilitação. Na Saúde Auditiva, o Centro de Referência Estadual de Atendimento ao Deficiente Auditivo (CREADA) realiza procedimentos de média e alta complexidade além de dispensação de prótese auditiva.

O Cridac está localizado à Rua Joaquim Murtinho, 1556, no bairro do Porto, em Cuiabá.



Fonte: [www.saude.mt.gov.br](http://www.saude.mt.gov.br)

## Notícia

**09/05/2014 - CIDA CAPELASSI Assessoria SES/MT**

### **Jorge Lafetá participa de reunião com TCE e anuncia planejamento de ações de Saúde**



(foto: TCE/MT)

O Secretário de Estado de Saúde Jorge Lafetá, participou de reunião na tarde de ontem(8) com o presidente do Tribunal de Contas de Mato Grosso, Waldir Teis, para discutir ações integradas do Sistema Único de Saúde. Ficou definido que cada gestor de Saúde Pública Estado, Cuiabá e Várzea Grande devem apresentar seu planejamento que está sendo elaborado com o apoio do TCE-MT, por meio do Programa de Desenvolvimento Institucional Integrado (PDI). Além disso, foram tratadas das recomendações e determinações contidas no relatório da Auditoria SUS.

O relatório, segundo o presidente Teis, é um diagnóstico da saúde, deixando de lado as burocracias e focando na qualidade do serviço oferecido em comparação com o que determina a legislação. "Queremos garantir que o cidadão seja bem atendido e tenha seus problemas resolvidos, mas para isso é preciso superar problemas que só serão solucionados com o planejamento das ações.", considerou o presidente do TCE-MT.

O secretário de Estado de Saúde, Jorge Lafetá, destacou a importância da parceria com o Tribunal de Contas de Mato Grosso, " Nossas ações estão sendo orientadas e fiscalizadas, sempre em uma postura preventiva, mais do que reativa. Aderimos ao PDI e vamos trabalhar na ótica da descentralização dos serviços. Levar Saúde Pública de média e alta complexidade nas regiões mais distantes da Capital, com foco na descentralização, e uma de nossas metas. Já fizemos o mapeamento, frutos de visitas pessoal nas regiões de Saúde .A Atenção Básica será fortalecida", explicou o secretário.



Quanto às recomendações contidas no relatório, o secretário Jorge Lafetá, assegurou que já vem cumprindo, após traçar um plano de metas para o cumprimento." Nossas equipes estão orientadas e promover as correções, e ainda nosso planejamento das ações que vamos desenvolver estão mapeadas e inseridas no PDI. Passamos a ter suporte e orientação do TCE e este instrumento e um planejamento ordenado e que deve ser cumprido em metas para os próximos cinco anos", disse ele.

Participaram da reunião o presidente do TCE-MT, conselheiro Waldir Teis, o relator das contas da Secretaria de Estado de Saúde, conselheiro Sérgio Ricardo, o relator das contas da Secretaria de Saúde de Várzea Grande, José Carlos Novelli, o relator das contas da Secretaria de Saúde de Cuiabá, conselheiro substituto Luiz Carlos Pereira, o chefe de gabinete do conselheiro Sérgio Ricardo, Dariosil Mrozkowski, o secretário de Saúde de Várzea Grande, Daoud Abdallah, o secretário de Saúde de Cuiabá, Werley Peres .